

VÍVIDO:
A JORNADA DOS
CRISTAIS

NANDA SILVEIRA

VÍVIDO:
A JORNADA DOS
CRISTAIS

De:

Para:

©2024 Nanda Silveira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem permissão expressa e por escrito do autor.

Capa e diagramação:

Nanda Silveira

Revisão de texto:

Nanda Silveira, Gabriel Melo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silveira, Nanda

VÍVIDO: A jornada dos cristais / Nanda Silveira – Campinas
SP, Clube de Autores, 2024.

ISBN: 978-65-01-27447-8

1. Fantasia infantojuvenil. 2. Aventura. 3. Sustentabilidade. 4. Cooperação.
5. Amizade.

24-194854

CDD – B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura Brasileira

B869.3

Tábata Alvez da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Clube de Autores Publicações S/A

Av. Juscelino Kubitschek, 350 – 2 andar – Centro,

CEP 89201-100, Joinville, Santa Catarina

Site: www.clubedeautores.com.br

SUMÁRIO

1. O Chamado da Arena.....	9
2. Duelo de Energias.....	15
3. Primeira missão.....	19
4. Captura brilhante.....	25
5. A missão começa.....	31
6. Os Filhos da Terra.....	39
7. Verdade oculta.....	45
8. Atacando as Feras erradas.....	49
9. Fera Pavorosa.....	53
10. Pavorosa é vencida.....	57
11. A Presença invisível.....	63
12. Inimigos ou aliados?.....	69
13. Seguindo juntos.....	77
14. Ponte e Planos.....	87
15. Ratos Voadores.....	93
16. Sob o sol escaldante.....	99
17. Lembrando passados.....	103
18. Quando o sol castiga.....	113
19. Marcas do Destino.....	127
20. A decisão que muda tudo.....	141

21. A filha do líder da gangue inimiga.....	167
22. O encontro com o passado.....	183
23. Reencontro manchado por feridas.....	193
24. Revelação dolorosa.....	207
25. Início da libertação.....	213
26. Luzes na escuridão.....	231
27. Marca que une e supera.....	253
28. Aliança ameaçada.....	275
29. Fim das correntes.....	285
30. Uma chama de esperança.....	297
31. Quase livres.....	305
32. Abrigo de esperança.....	317
33. A escolhida entre nós.....	323
34. De volta para suas famílias.....	333
35. Uma amizade que cresce a cada dia.....	339
36. O adeus de um herói.....	349
37. Lanternas para Afonso.....	371
38. Um novo começo.....	381
39. O retorno pra casa.....	397
40. Unidos Novamente.....	403

Agradecimentos:

Aos meus queridos filhos, Jonas, Elisa e Thalissom:
Vocês são a verdadeira inspiração para cada palavra que
escrevo. Obrigada por preencherem cada dia com alegria e
por constantemente reavivarem o poder da imaginação
em meu coração.

Ao Gabriel, cujo amor e coragem para enfrentar o im-
possível me inspirou a lutar.

Com profundo amor e gratidão, dedico este livro a vo-
cês, minha família, e as razões da minha existência.



Capítulo 1

O Chamado da Arena

Naquele dia, o céu de VÍVIDO se exibia em um espetáculo de tons lilás e dourado, com nuvens brilhantes que dançavam suavemente ao ritmo de uma brisa mágica. Era um cenário que refletia perfeitamente a energia vibrante do lugar, onde até mesmo o ar parecia carregado de uma expectativa eletrizante. Moradores paravam para contemplar o espetáculo celestial, como se o próprio céu estivesse se preparando para testemunhar um momento histórico em VÍVIDO.

Cristais flutuavam acima das torres das casas, espalhando um brilho suave pela praça central da vila. Esses cristais não eram apenas elementos decorativos; eles desempenhavam um papel essencial na vida cotidiana, canalizando energia mágica que abastecia as residências e os comércios. Além disso, sua presença simbolizava a união entre as famílias de VÍVIDO, com cada cristal representando um laço entre a magia do povo e a vitalidade da vila.

As ruas estavam lotadas de famílias que cochichavam animadas, enquanto crianças mais novas corriam de um lado para o outro, esbarrando nas barracas que vendiam lanches coloridos.

dos feitos de frutos encantados. No centro da praça, uma arena cristalina fora montada, com pilares altos que refletiam a luz como espelhos. O local estava repleto de curiosos, todos ansiosos para ver quem seria o próximo a se apresentar.

Entre a multidão, Afonso Melien saltitava, impossível de ficar parado. Ele usava uma faixa amarela na cabeça, já torta de tanto que ele a ajustava, com os olhos brilhando de expectativa.

— Hoje é o dia, mãe! — disse ele, com um sorriso radiante. — Vou mostrar pra todo mundo que o Afonso Melien aqui é o maior gênio que VÍVIDO já viu!

Sua mãe, Rute Melien, uma mulher simples com cabelos presos em tranças luminosas, suspirou ao olhar para ele. Seu olhar misturava carinho e uma pontinha de exasperação.

— Afonso, meu filho, se você for mesmo "o gênio" que diz ser, tenta não deixar metade da arena destruída... de novo. No ano passado, você foi advertido a nunca mais fazer isso.

Do outro lado da praça, uma garota observava Afonso e sua mãe com um leve sorriso. Quando ele a viu, levantou uma das mãos em um aceno entusiasmado, mas foi completamente ignorado.

A garota era Alice Silien, a quem Afonso chamava de "a mais linda de VÍVIDO". Alice, com seu cabelo liso e castanho claro, uma mecha cor-de-rosa presa em um rabo de cavalo, estava sentada em um banco de cristal, cercada por livros. Seus olhos estavam levemente franzidos em concentração, e ela mantinha a postura ereta, como se o peso da responsabilidade

que sentia a impedisse de relaxar. Ela estava absorta, virando as páginas de um manual intitulado "Controle Elemental Avançado". O brilho suave do sol mágico refletia em seus cabelos.

— Técnica sem controle é como um rio sem leito... — murmurou ela para si mesma, repetindo uma das frases que mais gostava do livro.

— Aliceeee!

O grito de Afonso cortou o burburinho da multidão, chamando a atenção de algumas pessoas ao redor. Crianças riram, enquanto adultos trocavam olhares de diversão ou irritação. Era impossível ignorá-lo, e sua energia contagiava alguns, ainda que outros preferissem manter o foco na arena.

Alice levantou os olhos dourados, ouvindo a voz de Afonso à distância. Ele ainda acenava, incansável. Ela sabia que ele não pararia até que ela correspondesse ao aceno, então o fez. Mas não sem antes revirar os olhos.

— Nenhum livro... — resmungou Alice, mais para si mesma. — Aquele cabeça de vento ainda acha que "talento natural" vai resolver tudo?

Ela se levantou, ajeitando a capa preta que usava sobre o uniforme da vila.

— Alguém precisa avisar a ele que estudar também é obrigatório. Não adianta nada ter poder, se não souber como usá-lo. Especialmente na Escola de Poder, onde as avaliações não perdoam erros.

— E por que você mesma não avisa?

A voz de Sandro interrompeu seu pensamento. Ele passava lentamente por ela. No caminho ele ajeitou a mecha de cabelo loiro que caíra sobre os olhos, e depois voltou as mãos para os bolsos da calça, com seu olhar frio e distante. Não esperou resposta, apenas continuou caminhando, deixando Alice com um sentimento de frustração e muita vergonha.

— Sandro... Oi? — ela tentou, mas ele já estava longe demais para ouvir.

Sandro se afastou para o lado, encontrando uma sombra sob um carvalho cristalizado, cujas folhas pareciam de vidro. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, e ele observava a arena com o olhar penetrante de quem sabia o que estava prestes a acontecer, mas não parecia se importar.

Aos poucos, o murmúrio da multidão se intensificou, e as pessoas começaram a comentar entre si:

— É o Sandro Odien, da família Odien Escarlate. Dizem que ele derrotou um elemental de rocha sozinho.

— Mas ouvi dizer que ele não fala com ninguém... Ele é estranho.

Sandro, no entanto, ignorava os cochichos. Para ele, o duelo era apenas uma formalidade. Ele sabia que sua força falava por si mesma, sem a necessidade de provas.

Finalmente, o momento chegou. Um dos professores da Escola de Poder, um homem alto com manto negro e olhos brilhando em azul, subiu ao centro da arena. Sua voz ecoou, poderosa e imponente.

— Chamamos agora: Afonso Melien, da família Melien Solar!

Afonso quase saltou para o palco, tropeçando em um degrau, mas se levantou rapidamente, com um sorriso animado.

— Tô bem, tô bem! Foi só um aquecimento! — ele brincou, fazendo a plateia rir.

Apesar do tom leve, ele ergueu o queixo com determinação. O professor, sem mostrar qualquer reação, apenas gesticulou para que o oponente de Afonso entrasse.

Um garoto alto, com cabelo dourado como o sol e olhos fixos como um predador, entrou na arena. Ele carregava uma espada de energia brilhante, que emitia um som pulsante, como um coração batendo.

— Sou Éron Dudien, da família Dudien Áurea. — O garoto apontou a espada para Afonso, sorrindo com confiança. — Não vou pegar leve só porque você parece... desajeitado.

Afonso riu nervoso, ajustando a faixa na cabeça.

— Beleza, grandão. Espero que esteja preparado pra ver o que é talento de verdade!

As mãos de Afonso começaram a brilhar com uma energia instável, como se pequenos raios dançassem entre seus dedos. Ele avançou com um grito, lançando uma rajada de energia elétrica na direção de Éron. Um clarão iluminou a arena, arrancando exclamações de surpresa da plateia. Mas então... BOOM! Afonso foi arremessado para trás, caindo em uma poça de lama que ele nem havia notado antes.

O público explodiu em gargalhadas, e até Alice escondeu um sorriso. Sandro, por sua vez, soltou um suspiro, parecendo entediado.

— Patético... — murmurou ele, sem tirar os olhos da arena.

Ainda assim, Afonso se levantou rapidamente, coberto de lama da cabeça aos pés. Ele ergueu o punho para o alto, sem perder o entusiasmo.

— Essa foi só a minha técnica de distração! Agora vocês vão ver o meu verdadeiro poder!

O professor ergueu a mão, interrompendo as risadas da plateia. Ele olhou para Afonso com um olhar curioso.

— Hm... interessante. Vamos continuar.

— Eu consigo! — disse Afonso, determinado.



Capítulo 2

Duelo de energias

O chão do campo de batalha estava quente após o clarão da explosão de Afonso. Os cristais flutuantes ao redor tremulavam levemente, reagindo à energia instável que ele havia liberado. Enquanto limpava a lama do rosto com as mãos, ele abriu um sorriso largo, cheio de autoconfiança.

Do outro lado da arena, Éron, seu oponente, não parecia impressionado. Ele balançou a espada de luz com precisão e apontou para Afonso.

— Você acha que vai me vencer só com barulho e bagunça?

Afonso estalou os dedos, de onde pequenos raios continuavam a saltar.

— Você vai ver. Eu sou imprevisível! E sabe o que isso significa? Que é difícil me derrotar!

A plateia murmurava entre si, alguns rindo, outros começando a questionar se havia algo mais naquela energia caótica que Afonso exibia.

Alice, assistindo de um canto da arena, suspirou.

— Ele é tão impulsivo..., mas talvez... só talvez... isso seja exatamente o que o torna especial.

Sandro, com os braços ainda cruzados, observava com um olhar atento. Para ele, Afonso era uma piada ambulante, mas havia algo na postura confiante do garoto que ele não conseguia ignorar.

— Muito bem, chega de conversinha, continuem! — anunciou o professor, com a voz grave.

Éron avançou com a espada de luz, seus movimentos rápidos como um raio. A multidão segurou o fôlego enquanto ele cortava o ar em direção a Afonso.

Afonso arregalou os olhos por um momento, mas, em vez de recuar, ele pulou para frente. Sua energia elétrica brilhou intensamente ao redor de seu corpo, e ele deslizou pelo chão como um raio, desviando do golpe por uma margem mínima. A explosão da espada de Éron atingiu os cristais ao fundo, fazendo faíscas voarem pelo campo.

Afonso girou no ar, pousando com um estrondo no centro da arena. Ele levantou as mãos, rindo.

— Isso é reflexo, meu amigo!

Éron franziu o cenho, claramente irritado.

— Você só está fugindo. Isso não é lutar! Isso é ridículo!

Mas antes que ele pudesse atacar novamente, Afonso ergueu as mãos e bateu as palmas, liberando uma rajada de eletricidade que se espalhou pelo campo como uma rede. Os cristais flutuantes começaram a brilhar com a energia, criando um espetáculo que deixou todos boquiabertos.

— Ei, mas o que é isso? — perguntou Éron, olhando em volta, confuso.

Afonso apontou para o oponente, com um sorriso travesso.

— Meu poder pode ser instável, mas ele é conectado a tudo ao meu redor. E agora, é o seu campo que está bagunçado!

De repente, os cristais começaram a emitir descargas elétricas que cercaram Éron. Ele tentou se mover, mas a eletricidade o forçava a recuar.

— Isso é impossível! Você fez isso de propósito?

— Digamos que foi 50% estratégia... e o resto foi sorte.

A plateia começou a se agitar. Ninguém esperava que Afonso Melien fosse capaz de algo tão engenhoso.

Éron Dudien soltou um grito e lançou outro ataque, mas antes que pudesse avançar, o professor levantou a mão, interrompendo o duelo.

— O suficiente.

A arena ficou em silêncio. O professor desceu do pedestal e caminhou lentamente até Afonso, que estava ofegante, mas ainda de pé. Ele colocou a mão no ombro do garoto, o que fez Afonso engolir em seco.

— Parabéns. Você tem... potencial. — disse o professor, com um leve sorriso.

Afonso ficou imóvel por alguns segundos antes de soltar um grito animado, pulando no ar.

— Conseguiii! Eu sabia! Eu sou incrível!

Alice suspirou, fechando os olhos.

— Ele vai ficar ainda mais insuportável depois disso.

Sandro apenas observou, sem dizer nada, mas um pequeno sorriso quase imperceptível cruzou seu rosto por um instante.



Capítulo 3

Primeira missão

Os duelos haviam terminado, e os escolhidos foram conduzidos até o salão principal da Escola de Poder. O ambiente era grandioso, com colunas de cristal que pareciam tocar o céu e um teto encantado que mudava de cor conforme as emoções dos presentes, criando um espetáculo de luzes que lembrava uma aurora boreal.

Entre os selecionados estavam Afonso Melien, Alice Silien e Sandro Odien, mas o clima entre eles estava longe de ser amigável. Afonso não parava de falar sobre sua "grande vitória", enquanto Alice tentava ignorá-lo, e Sandro se mantinha em completo silêncio.

Foi então que o diretor da escola, Otto, um homem de barba longa, cabelos castanhos e olhos dourados, apareceu no alto de uma escadaria. Sua presença impunha respeito, e sua voz profunda ecoou pelo salão.

— Vocês foram escolhidos não apenas por suas habilidades, mas também pelo potencial de crescimento. Este é apenas o começo. O futuro de VÍVIDO agora depende de vocês.

As palavras pairaram no ar, carregadas de uma responsabilidade imensa. Afonso parou de falar por um momento, enquanto Alice finalmente levantava os olhos do livro que segurava. Até Sandro, sempre tão indiferente, parecia mais atento do que o habitual.

— Amanhã, vocês receberão sua primeira missão. Preparem-se, jovens. O destino de nosso mundo está em suas mãos.

Na manhã seguinte, a Escola de Poder estava em plena efervescência. O som de sinos mágicos ecoava pelos corredores, chamando os novos alunos para a primeira reunião oficial no Grande Salão. O local impressionava, com o piso de mármore negro refletindo as cores do teto encantado, que mostrava cenas vivas do céu de VÍVIDO.

Afonso, claro, estava radiante.

— Isso é demais! Vamos treinar num lugar que parece um castelo de cristais! — Ele girava no próprio eixo, tentando ver todos os detalhes ao mesmo tempo.

Alice caminhava ao lado dele, com os braços cruzados e uma expressão de irritação.

— Você não cansa de ser barulhento? O que os outros vão pensar de nós se você ficar agindo como uma criança?

Afonso piscou, sem entender o tom.

— Ué, mas a gente é criança, né?

— Eu já tenho quatorze! Então fale por você, pirralho! — Alice bufou. — Por que tinham que nos colocar no mesmo grupo?

Sandro passou por eles em silêncio, com o rosto sério de sempre. Ele parecia indiferente, mas lançou um olhar rápido para Afonso.

— Você fala demais. Isso vai te colocar em problemas.

— Ei, calma aí, Sr. Sombrio! — Afonso apontou para Sandro. — Só porque você fica quieto o tempo todo não significa que é mais inteligente.

Sandro parou um instante, olhando de lado para Afonso.

— E ficar falando sem pensar significa o quê?

Afonso abriu a boca para responder, mas foi interrompido pelo som de um trovão. O teto encantado do Grande Salão brilhou intensamente, e todos os novos alunos se calaram. O diretor, com sua capa dourada, desceu lentamente a escadaria central.

— Bem-vindos, jovens escolhidos — disse ele, com a voz profunda que ressoava pelo salão. — Agora, vocês fazem parte da elite de VÍVIDO, aqueles que carregarão o peso de salvar nosso mundo.

Afonso tentou não parecer intimidado, mas era impossível não sentir o peso daquela responsabilidade. Ele olhou ao redor

e percebeu que até os alunos mais confiantes estavam visivelmente nervosos.

O diretor Otto continuou:

— Muitos de vocês demonstraram grande habilidade nos duelos de ontem. Mas saibam disso: poder sozinho não é o suficiente. Para cumprir a missão que lhes daremos, será necessário muito mais.

Os alunos trocaram olhares curiosos, e Afonso não aguentou.

— Que missão é essa, afinal? A gente vai salvar VÍVIDO... como?

O diretor sorriu levemente, como se já esperasse aquela pergunta. Ele ergueu uma mão, e uma imagem holográfica apareceu no centro do salão. Era o planeta VÍVIDO, cercado por anéis de cristais brilhantes, mas as cores vibrantes começaram a desaparecer aos poucos. O planeta parecia murchar, com suas terras ficando cinzentas e rachadas.

— Nosso mundo está morrendo — disse o diretor, com voz grave. — Sem recursos, não conseguiremos sobreviver por muito mais tempo. Por isso, vocês, os melhores entre nós, têm a tarefa de atravessar o portal para o mundo humano.

Um burburinho se espalhou entre os alunos. O mundo humano era quase uma lenda em VÍVIDO, um lugar que poucos acreditavam realmente existir.

— Lá — continuou o diretor Otto — vocês terão que coletar recursos essenciais: terra fértil, sementes e, acima de tudo, informações sobre como restaurar o equilíbrio de nosso planeta.

Alice levantou a mão, sua expressão séria.

— E se os humanos não quiserem nos ajudar?

O diretor fez uma pausa, seus olhos dourados brilhando com intensidade.

— Esperamos que consigam negociar. Mas, se necessário, usem sua força. Nosso futuro depende disso.

Sandro, que até então permanecera em silêncio, deu um passo à frente.

— E se falharmos?

O salão ficou em silêncio. O diretor olhou diretamente para ele, e a gravidade de seu olhar fez todos se calarem.

— Não podemos nos dar ao luxo de falhar.



Capítulo 4

Captura brilhante

Depois da reunião, os alunos foram levados para o Campo de Treinamento Arcano, uma vasta planície cercada por montanhas flutuantes. O céu estava salpicado de cristais menores, cujas sombras dançavam sobre o chão, criando um espetáculo de luzes e formas.

A instrutora, uma mulher alta com cabelos que pareciam feitos de fogo vivo, caminhava entre os alunos com uma presença marcante. Seus olhos avaliavam cada um deles com precisão.

— Eu sou a Mestra Ignis. — Sua voz era firme, quase corante. — Minha função é garantir que vocês estejam prontos para sobreviver no mundo humano. E, para isso, precisamos começar com o básico: trabalho em equipe.

Afonso deu um passo à frente, sorrindo de forma confiante.

— Trabalho em equipe? Isso vai ser moleza! Eu sou ótimo em motivar as pessoas!

Ignis arqueou uma sobrancelha, claramente desconfiada.

— Ah, é? Vamos ver. Então, quero que você, a garota de mecha rosa, e o garoto calado provem o que estão dizendo. Agora, vocês são um time. E tudo o que um fizer, todos terão que arcar com as consequências.

Alice suspirou profundamente.

— Isso vai ser um desastre...

Sandro, em seu estilo silencioso, assentiu com a cabeça e se posicionou ao lado deles, sem dizer uma palavra.

Ignis então estendeu a mão, e três esferas brilhantes começaram a flutuar, cada uma se dirigindo a uma direção diferente.

— A missão é capturar essas esferas. Parece simples, certo? Vamos ver.

Sem esperar mais explicações, Afonso correu na direção da esfera mais próxima.

— Deixa comigo!

Mas, ao chegar perto, a esfera disparou uma onda de vento forte, jogando-o para trás.

— Ok... talvez não seja tão fácil assim.

Alice cruzou os braços, olhando para ele com uma expressão entediada.

— Talvez, se você ouvisse antes de sair correndo, a gente conseguiria planejar alguma coisa.

Afonso fez uma careta, mas ficou quieto. Sandro, por outro lado, observava as esferas com atenção, como se estivesse calculando cada movimento.

— Elas reagem à aproximação direta. Precisamos distraí-las ou trabalhar em conjunto.

Alice sorriu, um pouco mais aliviada.

— Finalmente, alguém que pensa.

Afonso bufou, fazendo uma cara de quem estava impaciente.

— Tá bom, tá bom. Então qual é o plano, gênios?

Afonso, com seus onze anos, era o mais novo e impulsivo do trio. Alice, com catorze, já demonstrava uma postura mais madura, sempre tentando ser a voz da razão. Sandro, com quinze, exalava uma confiança silenciosa, quase natural, como um líder nato, embora nunca fosse o tipo de pessoa a se impor.

Alice se esforçou para não olhar muito para Sandro enquanto ele analisava as esferas. Ela não podia negar que sentia algo por ele, mas se forçou a manter o foco. Sandro era tudo o que ela achava que um verdadeiro líder deveria ser: forte, inteligente e, o mais importante, imperturbável.

— Sandro, qual o plano? — perguntou Alice, tentando parecer casual, mas sua voz traía um toque de ansiedade.

Sandro não desviou os olhos das esferas, mas respondeu com clareza.

— Precisamos trabalhar juntos. Alice, você distrai a esfera à direita. Afonso, você atrai a do lado esquerdo. Eu cuido da central.

— Finalmente! Um plano onde eu faço o que sei de melhor: ser incrível! — Afonso exclamou, com um sorriso largo, já correndo para sua posição.

Alice se posicionou, mas não sem lançar um rápido olhar na direção de Sandro. Ela balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos.

— Foco, Alice. Foco. Ele nem nota você desse jeito.

Afonso, com sua energia típica, correu para o lado esquerdo do campo, deixando um rastro de faíscas em suas pegadas. Ele levantou as mãos e começou a acenar exageradamente para a esfera, como se estivesse tentando chamar a atenção de um amigo distante.

— Ei, brilhantona! Aposto que não consegue me pegar!

A esfera reagiu imediatamente, disparando em sua direção. Afonso deu um salto para trás, rindo, e começou a correr em zigue-zague, desviando das rajadas de energia que a esfera liberava.

Do outro lado, Alice se preparava para fazer sua parte. Com movimentos rápidos, ela tirou uma pequena garrafa de

água do bolso de sua capa e destravou a tampa. A água fluiu para fora, formando uma esfera flutuante em sua mão.

Com um gesto preciso, ela manipulou a água, transformando-a em um fio rápido que serpenteou pelo ar. Quando a esfera no canto direito tentou se mover, o fio de água a envolveu rapidamente, criando uma barreira líquida que a manteve no lugar.

— Peguei você! — murmurou Alice, satisfeita com o resultado.

Enquanto isso, Sandro permanecia calmo no centro do campo, os olhos fixos na esfera central. Ele aguardava o momento certo para agir. Quando a esfera finalmente começou a reagir à confusão ao redor, ele avançou, levantando uma mão.

Do chão, sombras se ergueram como serpentes, se enrolando firmemente ao redor da esfera. Ela tentou se soltar, mas as correntes eram fortes demais, prendendo-a no lugar.

— Isso! — exclamou Alice, olhando para Sandro admirada.

Afonso parou no meio de sua corrida, ofegante:

— É isso aí! Trabalho em equipe!

Sandro soltou as correntes, permitindo que a esfera se acomodasse suavemente no chão. Ele olhou para os outros dois, assentindo brevemente.

— Bom trabalho.

Alice sentiu o rosto corar ligeiramente ao ouvir o elogio, mas logo disfarçou, ajeitando os cabelos.

— Era só isso? Pareceu... simples demais.

Antes que Sandro pudesse responder, a voz da Mestra Ignis ecoou pelo campo:

— Simples, talvez. Mas esse foi apenas o primeiro passo. Trabalho em equipe é a base de tudo. Sem ele, nenhuma missão será bem-sucedida.

Ela caminhou até o trio, sua presença imponente fazendo Afonso calar a boca na hora.

— Mas saibam disso: no mundo humano, não será tão fácil. Lá, vocês enfrentarão desafios muito maiores do que capturar esferas. Precisarão confiar uns nos outros, mesmo quando for difícil.

Alice olhou para Sandro, que continuava sério, e depois para Afonso, que já parecia mais interessado em desenhar algo na terra com os dedos.

— Confiar neles... — pensou Alice. — Isso vai ser mais difícil do que parece.



Capítulo 5

A missão começa

Na manhã seguinte, os alunos escolhidos se reuniram diante do Portal de Etherion, um enorme arco feito de cristal negro que parecia sugar a luz ao seu redor. Este era o único caminho para o mundo humano, e apenas aqueles que haviam completado o treinamento inicial eram autorizados a atravessá-lo.

Antes da partida, as famílias dos escolhidos estavam presentes para se despedirem. Afonso estava abraçando sua mãe, que o encarava com um olhar gentil e um sorriso hesitante.

— Mãe, promete que vai cuidar do nosso gato enquanto eu estiver fora? Ele gosta de dormir na minha cama.

Ela riu, tentando disfarçar a preocupação.

— Prometo, Afonso. Mas eu espero que você cuide de si mesmo também, está bem? Lembre-se do que te ensinei.

Afonso sorriu largamente.

— Sempre vou lembrar. Tipo... não comer doce antes do jantar, né? E nem aceitar bombom de estranhos...

Sua mãe suspirou, balançando a cabeça com um sorriso resignado.

— Essas coisas, também, meu filho.

Alice estava um pouco afastada, conversando com seu irmão mais novo, que parecia estar prestes a chorar.

— Você tem que voltar logo, Alice. Não gosto quando você fica longe. O papai e a mamãe são muito ocupados, você sabe.

Ela se abaixou e bagunçou o cabelo dele de leve.

— Eu prometo que vou voltar. E quando voltar, vou contar tudo sobre o mundo humano. Mas enquanto isso, você tem que ser forte, tá?

Sandro, por sua vez, estava em silêncio, de pé ao lado de seu avô, um homem de postura rígida e olhos que pareciam avaliar tudo.

— Não confie em ninguém facilmente — o avô disse, apertando o ombro de Sandro. — Seja esperto, e lembre-se de que seu maior aliado é sua própria mente.

Sandro assentiu.

— Eu vou cumprir a missão *que meus pais não conseguiram terminar...* Trarei honra à nossa família, vô.

Após as despedidas emocionadas, os escolhidos se alinharam diante do portal. Afonso estava inquieto, pulando de um

pé para o outro enquanto olhava para o arco com os olhos arregalados.

— Então é isso? Vamos atravessar para o mundo humano! Será que eles têm coisas legais lá, tipo... Gelados mágicos?

Alice revirou os olhos, tentando não demonstrar que, no fundo, também estava ansiosa.

— Estamos indo para salvar nosso mundo, não para fazer turismo.

Sandro permaneceu em silêncio, mas seus olhos estavam fixos no portal, como se tentasse antecipar o que encontrariam do outro lado.

Enquanto o trio esperava, alguns alunos que não haviam sido escolhidos se aproximaram. Entre eles estavam Lucas, um garoto de treze anos conhecido por sua língua afiada, Beatriz, de quinze, com seu jeito calculista, e Mateus, um jovem de catorze que sempre parecia estar competindo por atenção.

— Não acredito que o diretor Otto escolheu vocês — disse Lucas, cruzando os braços e olhando diretamente para Afonso. — Pelo pouco que eu andei te observando... já consigo deduzir que você não leva nada a sério.

— Ei! — Afonso franziu o cenho. — Eu sou sério! Bem... às vezes. Tá bom, talvez nem tanto. Mas eu sou muito bom no que faço!

Beatriz arqueou uma sobrancelha e lançou um olhar avaliador para Alice.

— E você? Acha mesmo que está pronta para isso? Salvando o mundo ou desmaiando na primeira dificuldade?

Alice tentou manter a compostura, embora sentisse o desconforto crescer.

— Estou tão pronta quanto qualquer um de nós estaria. E você? Por que está tão preocupada? Ah, é verdade... Não foi escolhida.

Mateus riu, mas rapidamente balançou a cabeça.

— Vocês nem sabem o que vão enfrentar lá. Aposto que vão voltar no primeiro dia pedindo ajuda.

Sandro finalmente se virou, encarando Mateus com um olhar frio.

— Se você acha que não vamos conseguir, talvez devesse se preocupar mais com o que você ainda precisa melhorar para ser escolhido da próxima vez.

Lucas abriu a boca para responder, mas foi interrompido por um som de passos firmes. Ignis havia chegado, acompanhada pelo diretor e outros instrutores. O silêncio tomou conta do grupo imediatamente.

Ignis deu um passo à frente, olhando para os escolhidos com um brilho sério nos olhos.

— Antes de partirem, há algo que precisam entender. Sua missão não é apenas coletar recursos. É construir uma ponte entre VÍVIDO e o mundo humano.

O diretor Otto continuou:

— Vocês terão que buscar terra fértil, sementes e informações essenciais sobre como restaurar o equilíbrio de nosso planeta. Mas saibam que o mundo humano está em crise. Eles foram atacados por forças de outro mundo e estão desconfiados de qualquer estranho. Isso pode dificultar suas ações.

Ignis ergueu três cristais translúcidos, entregando um a cada um deles.

— Esses são cristais de coleta. Eles funcionam com uma combinação de magia e esforço físico. Para coletar terra fértil, vocês precisarão encontrar lugares ainda vivos no mundo humano e usar o cristal para armazenar a energia vital da terra. As sementes exigirão um olhar atento: plantas saudáveis são raras, então coletem algumas, e preservem o restante, pois os humanos também precisam delas. E as informações... Bom, isso depende de como vocês se comunicarem e ganharem a confiança dos humanos.

— E se eles não confiarem na gente? — Alice perguntou, segurando o cristal com cuidado.

O diretor respondeu, com um tom grave:

— Então vocês terão que provar seu valor. Talvez ajudando-os a enfrentar suas próprias dificuldades. Eles não vão ceder nada sem um bom motivo.

Afonso levantou a mão como se estivesse na sala de aula.

— Tá, mas e se eles forem super malvados? Tipo, eles têm monstros gigantes lá? Ou só pessoas irritadas?

Ignis não conteve um sorriso.

— Monstros, eu não sei... Pessoas irritadas... isso com certeza. E algumas delas podem ser muito mais perigosas do que você imagina.

O portal começou a brilhar intensamente, indicando que estava pronto. Ignis encarou os três com seriedade.

— Vocês estão preparados?

Sandro olhou para o portal, depois para Alice e Afonso, e assentiu. Alice respirou fundo, tentando afastar as palavras de Beatriz da mente. Afonso, por sua vez, ergueu o cristal com um sorriso determinado.

— Prontos pra salvar o mundo — ele disse, alegremente.

O diretor deu um passo à frente, abrindo os braços como se abençoasse a partida.

— Quando concluírem a missão, unam seus cristais de coleta, que ficarão reluzentes, e assim o portal para VÍVIDO será revelado, permitindo que vocês retornem.

Com os corações batendo acelerados e as palavras do diretor ecoando em suas mentes, Afonso, Alice e Sandro atravessaram o Portal de Etherion rumo ao desconhecido.



Capítulo 6

Os Filhos da Terra

O Portal de Etherion se fechou com um estrondo, ecoando como o rugido de um trovão. Afonso, Alice e Sandro emergiram em um mundo totalmente diferente de VÍVIDO: a primeira impressão que os três tiveram ao atravessá-lo foi a de um mundo vasto e caótico. A atmosfera parecia densa, o céu coberto por nuvens espessas e cinzentas. O vento frio soprava, trazendo um cheiro estranho, metálico, que incomodava os sentidos.

— Que lugar deprimente! — Afonso disse, olhando ao redor. — Nem um pouquinho de brilho ou cor. Parece que roubaram todas as tintas daqui!

— Foco, Afonso! — Alice gritou, puxando-o pela manga da camisa. — Temos uma missão.

Sandro permaneceu em silêncio, seus olhos atentos analisando o terreno e as movimentações à distância. Árvores secas pontilhavam a paisagem, e as construções ao longe pareciam abandonadas ou precariamente mantidas.

— Ignis estava certa — ele murmurou. — Esse lugar está morrendo.

Depois de um tempo andando, os três avistaram uma pequena vila ao longe. Ao se aproximarem, perceberam que havia vida ali: uma feira modesta ocupava a praça central, mas o ambiente estava longe de ser acolhedor. Olhares desconfiados surgiam de todos os lados à medida que o trio avançava.

— Não sei quanto a vocês, mas estou sentindo que não somos bem-vindos aqui — Alice comentou, baixando a voz.

— Claro que somos! Só não nos conhecem ainda. — Afonso levantou a mão, acenando para um vendedor que o encarou sombriamente, o deixando apavorado, ao ponto de o fazer baixar a mão devagar. — Tá bom... talvez não.

Enquanto caminhavam pela praça, um grupo de jovens se destacou no meio da multidão. Eles se aproximaram devagar, claramente avaliando o trio. O líder era um garoto com cabelo bagunçado e olhos atentos. Ele parecia um pouco mais velho que Afonso, mas tinha um ar de autoridade que o fazia parecer mais maduro.

— Vocês não são daqui — ele disse, cruzando os braços.

Afonso abriu um sorriso largo e deu um passo à frente.

— Certo! Acertou na primeira. Somos de... bem longe. Qual é o nome desse lugar mesmo?

Alice suspirou, puxando Afonso para trás.

— Somos novos por aqui. Estamos em uma missão importante.

O líder ergueu uma sobrancelha, intrigado. Ele ignorou Afonso e focou em Alice.

— Missão, é? Então você é a porta-voz do grupo?

Sandro deu um passo à frente, seu olhar fixo e sério.

— Quem são vocês?

O garoto sorriu de lado, com uma expressão de leve deboche.

— Somos os Filhos da Terra. Fazemos o que podemos para manter a ordem por aqui.

— Ordem? Parece mais uma gangue. — Alice cruzou os braços, desconfiada.

— Gangue? Talvez. Ou talvez sejamos os únicos que ainda têm coragem de lutar por esse lugar. — O líder estreitou os olhos para ela, mas antes que pudesse continuar, um dos garotos ao seu lado murmurou algo em seu ouvido.

De repente, o som de algo pesado e metálico ecoou pela praça. Os Filhos da Terra ficaram tensos, e o líder levantou a mão, sinalizando para seu grupo ficar atento.

— Fiquem prontos.

Alice franziu o cenho.

— Prontos para o quê?

Antes que pudesse receber uma resposta, um monstro enorme surgiu na esquina. Sua aparência era aterrorizante: metade máquina, metade criatura, com um corpo robusto de metal que imitava as formas de um dinossauro, equipado com garras afiadas e uma mandíbula que brilhava com uma energia azulada.

Afonso arregalou os olhos, claramente impressionado.

— De onde esse bicho surgiu? Isso é... um robô gigante?

Alice puxou Afonso de volta, preocupada.

— Espera, Afonso. Não sabemos o que é isso!

— Não sabemos o que é, mas com certeza essa coisa é o “inimigo”! — Afonso saltou para frente, ignorando os avisos de Alice, e se preparou para atacar.

Sandro, por outro lado, analisava a criatura e a postura dos Filhos da Terra. Eles não estavam atacando, mas pareciam... hesitantes. Um dos garotos deu um passo à frente, como se fosse dizer algo, mas o líder o deteve com um gesto.

— Deixa eles lidarem com isso — o líder disse, com um tom divertido.

— Mas, eles vão destruir... — começou um dos garotos.

O líder o interrompeu, sem tirar os olhos do trio.